

A FACE DA SECA: UM OLHAR ATRAVÉS A LITERATURA SOBRE O ASPECTO SOCIAL DA SECA

Geanice da Silva Sousa⁴

Resumo:

Este artigo objetiva analisar a seca do nordeste brasileiro como personagem central, tendo por objeto de estudo a obra *Ataliba, o vaqueiro*, de Francisco Gil Castelo Branco. Procura-se entender o real poder destrutivo da seca, tendo-a não como a principal causa de desolação, mas sim como um instrumento “desencadeador” de maiores problemas sociais. A obra utilizada é uma das precursoras do romance regionalista e sua principal temática é a seca. Sendo este o pressuposto principal do estudo, partimos do princípio de que a seca possui muitas faces e que, embora seja forte e a grande personagem da obra, ela não é tão perigosa quanto à ausência dos governantes. Para a realização desse trabalho, utilizou-se como embasamento teórico: Reis (1999), Bosi (2012), Coutinho (2004), Candido (2009) entre outros. Por fim, este artigo resulta de um estudo que analisou não apenas a presença de elementos na obra como também a ausência, a qual revelou que, embora a seca seja uma cruel antagonista na vida do povo e da natureza nordestina, a omissão dos governantes bem como a ausência de investimentos, é a principal causa de desolação social.

Palavras-chaves: Ataliba, o vaqueiro, seca, Nordeste.

Abstract:

This paper aims at analyzing the drought in northeastern of Brazil as the central character, having as object of study the book *Ataliba, o vaqueiro*, by Francisco Gil Castelo Branco. We wanted to understand the real destructive power of drought, considering it not as the main cause of desolation, but as an instrument "trigger" of larger social problems. The book used is one of the precursors of the regionalist novel and its main theme is the drought, therefore, the main assumption of the study assumes that the drought has many faces and that while it is strong and the great character of the work, it is not as dangerous as the absence of governors. To carry out this paper, it was used as a theoretical basis: Reis (1999), Bosi (2012), Coutinho (2004), Candido (2009) among others. Finally, this paper results from a study that analyzed not only the presence of elements in the book as well as the absence, which revealed that while drought is a cruel antagonist in the lives of the people and the northeastern nature, the

⁴Graduada em Letras (UFPI)

failure of governors and the absence of investments is the principal cause of social desolation.

Keywords: Ataliba, o vaqueiro. Drought. Northeastern.

Introdução

Este artigo enfoca uma análise a respeito da seca, do nordeste brasileiro, como personagem central, tendo por objeto de estudo a obra *Ataliba, o vaqueiro*, de Francisco Gil Castelo Branco, sendo que a mesma abre frechas a outros objetos, que são secundários, ou seja, são arcabouços teóricos que reforçam o objeto principal. Procura-se entender o real poder destrutivo da seca, posto que ela não a principal causa de desolação, mas sim, um instrumento “desencadeador” de maiores problemas sociais.

A obra utilizada é uma das precursoras do romance regionalista e sua principal temática é a seca, sendo assim, o pressuposto principal do estudo parte do princípio de que a seca possui muitas faces e que, embora seja forte e a grande personagem da obra, ela não é tão perigosa quanto à ausência dos governantes. Para iniciar as abordagens a respeito do tema, é importante fazer um estudo a respeito da seca e caracterizá-la como personagem central do romance.

A seca é uma “sombra” presente na história nordestina, embora muitos a conheçam nem todos a entende tão bem como o povo nordestino, ela que é personagem de histórias e causos contados de geração em geração, eternizada em livros ou cantada nas músicas. Não importa o estilo ou escola literária, ela está lá, a seca faz parte de sua história.

E por ser um estudo essencialmente bibliográfico, faz-se indispensável a análise de material teórico, os quais serão fundamentados em Reis (1999), Bosi (2012), Coutinho (2004), Candido (2009) dentre outros.

Assim, o trabalho apresentará uma abordagem acerca do Romantismo e do regionalismo, uma vez que a obra enquadra-se nesse período de transição literária, do autor e da obra juntamente com reflexões teóricas sobre o tema, como também apresentará análise, discussão e conclusão sobre a temática em estudo.

O regionalismo romântico e o retrato da seca no Piauí

Sabe-se que a literatura é uma manifestação artística que expressa a visão de mundo dos indivíduos. Ela traz marcas do seu tempo, portanto, carrega dentro de si ideais, sentimentos e valores de determinadas épocas. E *Ataliba, o vaqueiro* não poderia ser diferente, romance em forma de folhetim, traz em suas páginas uma história da seca nordestina, há em cada linha uma essência de dor do povo piauiense.

Ataliba, o vaqueiro é o precursor do romance regionalista, publicado em forma de folhetim nos anos de 1878 e narra a história de um vaqueiro que luta contra a seca no sertão do Piauí. É uma obra de cunho romântico, apesar de suas características regionalistas.

O Romantismo foi um movimento literário que ocorreu no início do século XIX, período este que o Brasil passava por enormes transformações sociais, econômicas, políticas e ideológicas. A sociedade, neste período, buscava a liberdade de expressão, a nacionalidade e a democracia. De acordo com Coutinho (2004, p.22), “coincidindo sua eclosão com o alvorecer da nacionalidade, ajustou-se a alma do povo, cujos anseios e qualidades sentiu e exprimiu”.

O período romântico negava a literatura importada da Europa e procurava ter uma base totalmente nacional, o saudosismo, o patriotismo. O conceito de cor local levou a criação de obras que trazem o regional, isso se verifica nas primeiras manifestações de conscientização nacional propostas por José de Alencar com as obras *O Gaúcho* (1870), *O Sertanejo* (1875) e *O Tronco de Ipê* (1871).

Francisco Gil Castelo Branco, escritor piauiense foi para ao Rio de Janeiro, mas levou as lembranças da sua terra natal. Lá escrevera seus romances e dentre eles *Ataliba, o vaqueiro* que ganhou repercussão entre os sulistas.

O autor antecipa em sua obra, o regionalismo de 1930 e isso se deve ao fato da forma inteligente que o autor conduziu a narrativa, apresentou uma parte do Brasil esquecida, onde o homem luta contra a natureza em crise, mostrando os costumes e a linguagem de um povo que vive distante. De fato Castelo Branco fez um retrato do Piauí para o restante do Brasil.

A obra também apresenta características românticas ao descrever a natureza, a beleza das mulheres, a ingenuidade dos campesinos, o amor entre Teresinha e Ataliba, e a morte como fuga do sofrimento, Coutinho (2004, p. 48) nos afirma que “o sentimento religioso de atitude moralizante, a morte como refúgio, consoladora, num

mundo de pecados, o culto da virgem...” são características que marcam as atitudes românticas.

Contudo, *Ataliba, o vaqueiro* é uma obra precursora do regionalismo moderno, mas que apresenta, na sua composição, traços tipicamente românticos, que narra a história de um vaqueiro, o herói nordestino, que luta contra o drama da seca e suas consequências fatídicas.

A obra retrata a seca no Nordeste, especificamente no Piauí, e está dividida em dez capítulos, que podem ser divididos em dois momentos, a saber: antes e depois da seca. Os quatro primeiros retratam os episódios antes da seca (belas paisagens, a alegria e a festividade dos personagens perante a vida), o restante dos capítulos fala sobre os episódios depois da seca (a ausência de vida, a transformação, não somente das paisagens, mas do comportamento e do destino dos personagens), mostrando ao leitor um triste contraste da realidade.

Um convite a conhecer a obra

Como romance regionalista, *Ataliba, o vaqueiro* apresenta alguns elementos culturais e linguísticos que lhe dão essa denominação. A linguagem é sempre uma característica marcante na caracterização da época e dos personagens. Na obra, que aborda a temática da seca no interior do Piauí, a linguagem está próxima dos elementos temáticos.

Na fala do narrador, percebe-se um vocabulário marcante do próprio autor (funcionário da corte imperial no Rio de Janeiro, em fins do século XIX), que é uma fala europeia, de rica sintaxe e concordância, próxima a norma culta, com vestígios de português lusitano. Porém, na fala dos personagens nota-se falas mais voltadas para a vivência do homem do interior, enriquecida com o uso de onomatopeias, de modo a reproduzir a fala dos personagens através de expressões regionais.

Assim, há a tentativa de construção de um discurso narrativo através dos personagens, de modo que se trata de um diálogo entre a história e a literatura, em que a linguagem literária nos apresenta um discurso social com base nos deslocamentos que ocorrem na linguagem dentro de um contexto, no caso o sertão. O leitor é envolvido no drama da seca, que aos poucos vai decidindo o destino das personagens, ele pinta a fome, a dor, a angústia do homem e a sua luta para sobreviver diante de um cenário devastado.

A narrativa inicia-se descrevendo fatos do dia-a-dia da vida de Teresinha, onde pode-se observar a descrição dos elementos naturais da região, ressaltando como eram belas as paisagens do sertão, como é possível observar na seguinte passagem:

Em linda tarde de um dos últimos dias do mês de setembro do ano próximo findo, Teresinha estava assentada em uma lage, a beira de um riacho cristalino, que coleava por um leito de areias e pedregulhos. Uma grande cabaça e uma rodilha de fibras de palmeira estavam ao seu lado indicando que viera a fonte buscar água. (CASTELO BRANCO, s/d, p. 33).

Logo depois Ataliba chega à fonte, presenteia Teresinha com um veado e declara o seu amor pela jovem e, em seguida, pede a mão de Teresinha a sua mãe (tia Deodata), que lhe dá permissão para o casamento. Posteriormente Cassange (escravo/ajudante de Ataliba), ao saber a notícia do casamento de seu amo com Teresinha, espalha a novidade por toda a vizinhança. Depois Deodata recebe a visita de Dionísio (caçador que gosta de beber e dançar) que lhe fala sobre a proximidade de uma grande seca, mostrando-se tenebroso juntamente com Ataliba. Deodata faz uma festa de noivado e convida toda a vizinhança.

Acima está o resumo dos quatro primeiros capítulos que antecede a aparição da seca. Percebe-se que a vida naquele sertão era tranquila, o ambiente composto por riquíssimos elementos naturais, contava com abundância de água cristalina e com uma variada espécie da fauna e da flora piauiense. Lendo somente os capítulos iniciais da obra pensa-se numa vida pacata, onde a jovem Teresinha irá casar com Ataliba e serão felizes, porém, vinte dias após o noivado, a seca começa a assolar a região. Como descrito:

Achava-se tudo demudado nas terras do Morro, vinte dias depois da festa a que assistimos em casa de tia Deodata. O sol dardejara raios candentes e a seca aumentava os horrores dos seus assombrosos estragos. As campinas estavam tostadas como se acaso uma torrente de fogo as houvesse sapecado; as folhas enroscavam-se, engelhavam-se como se fossem frizadas por um ferroencandescente; as avezinhas abandonavam seus ninhos e em bandos partiam pipilando; as águas decresciam e o gado, mugindo lugubrememente nos campos, tombavam exangue. A miséria invadia tudo de um modo sinistro. (CASTELO BRANCO, s/d, p. 67).

Observa-se que com a seca tudo mudou naquela região até então calma e agradável, as coisas passaram a ser hostis e degradantes. Devido ao avanço da seca, os habitantes daquela região tiveram de migrar para a região de Marvão (atual município de Castelo do Piauí), porém a mãe de Teresinha não quis sair de sua casa recusando assim o pedido do caçador Dionísio. Ataliba aproveita a presença de Dionísio e seu grupo de retirantes e chama-os para cavarem um poço, porém a água vai se tornando

cada vez mais escassa naquele sertão e em virtude disso houve a morte de muitos animais.

Em decorrência desses acontecimentos, Deodata morre vítima de uma febre malina (maligna) e, com sua morte, Ataliba vai preparar a viagem e ao chegar à cacimba depara-se com uma onça, ambos lutam e Ataliba termina matando o animal selvagem. Teresinha provoca acidentalmente um incêndio em sua casa o que faz com que eles se dirijam o mais rápido possível para a região de Marvão. Terezinha, que já estava doente, agravou sua situação e morreu, em seguida uma cobra cascavel picou o vaqueiro (Ataliba) e ele morreu abraçado a sua noiva.

Quando se acredita que nada mais pode ou vá acontecer, Cassange, servo de Ataliba, ao ver toda aquela situação acaba enlouquecendo, como cita Castelo Branco (1993, p. 115) “o velho dava com as esporas nos flancos da cavalgadura e soltava gargalhadas estridentes, convulsas, medonhas. Estava Louco!”.

Nota-se que, no sertão, antes da seca, a paisagem era encantadora e as pessoas desempenhavam normalmente as atividades do dia-a-dia, porém com a chegada da seca o ambiente tornou-se hostil e as pessoas, para sobreviverem, tiveram de abandonar suas casas, tornaram-se retirantes.

A seca como personagem

A personagem é um elemento imprescindível à compreensão textual, já que se trata de uma representação do real, ela representa um povo, uma gente, em seu discurso encontra-se ideologia, cultura.

Uma personagem é, pois, o suporte das redundâncias e das transformações semânticas da narrativa, é constituída pela soma das informações facultadas sobre o que ela é e sobre o que ela *faz* [...] A personagem é localizável e identificável pelo próprio nome, pela caracterização, pelos discursos que enuncia, etc. (REIS, 1999, p. 360-361).

Sem complexidade psicológica, os personagens de *Ataliba, o vaqueiro*, não apresentam problemas internos e tampouco engajamento social, preocupam-se apenas com as dificuldades diárias da ocupação exercida. No entanto, diferentemente dos demais personagens, a seca é a grande personagem da obra, já que afeta a vida amena da população campesina e também revela a ausência de personagens que poderiam e deveriam estar presentes.

Contudo, se não estão presentes não seria falha do escritor? De forma alguma, ao escrever a obra, o autor relatou lembranças que guardara de sua terra, segundo Magalhães e Rêgo (s/d, p.24), na busca de reproduzir objetivamente a vida do sertanejo, o autor procura ser o mais fiel possível.

Ao almejar fidelidade o autor prioriza e revela o que conhecia dos costumes, a natureza, a singela beleza das mulheres, as vestimentas, o falar, mas não cita a administração política, os governantes, provavelmente porque que não seria fiel assim fazer.

A personagem é um artifício multifacetado, pode ser plana (previsível) ou esférica (imprevisível), com inúmeras possibilidades, não necessita ser necessariamente um ser humano.

A personagem vive o enredo e as idéias, e os torna vivos [...] é um ser fictício [...] A personagem é complexa e múltipla porque o romancista pode combinar com perícia os elementos de caracterização, cujo número é sempre limitado se os comparamos com o máximo de traços humanos que pululam, a cada instante no modo-de-ser das pessoas. (CANDIDO 2009 p. 54, 55 e 59-60).

Independentemente de sua nomenclatura, a personagem vai além de um ser fictício, é caricatural, verossímil, destaca o que há de mais belo ou monstruoso na sociedade, para assim o desvelar perante o leitor enquanto ser social.

A face reveladora da seca

A seca no Nordeste tem sido objeto de muitos estudos, apesar disso, sempre o foram, na literatura muitas são as obras que retratam essa sofrível temática, e em *Ataliba, o vaqueiro* ela está presente. Segundo o dicionário Aurélio, a seca é a falta de chuva ou o período em que a ausência dessas acarreta graves problemas sociais, já conforme Fürst:

A seca ou estiagem é um fenômeno climático causado pela insuficiência de precipitação pluviométrica, ou chuva numa determinada região por um período de tempo muito grande. Existe uma pequena diferença entre seca e estiagem, pois estiagem é o fenômeno que ocorre num intervalo de tempo ou seja a estiagem não é permanente, já a seca é permanente. (FÜRST, 2012,)

Observa-se que não há uma definição que abarque toda dimensão, no que cerne à seca, ela é um fenômeno multifacetado, há em si uma pluralidade de significações, contudo, o presente estudo se limitará a seca enquanto fenômeno natural e personagem presente no nordeste brasileiro.

A história das secas na região Nordeste é uma prova de fogo para quem lê ou escuta os relatos que vêm desde o século 16. As duras consequências da falta de água acentuaram um quadro que em diversos momentos da biografia do semiárido chega a ser assustador: migração desenfreada, epidemias, fome, sede, miséria. Os relatos de pesquisadores e historiadores datam da época da colonização portuguesa na região. (BARRETO, 2009).

Como se vê, a seca não é um fenômeno recente, mas vem de longa data, e ainda sim, apesar de ser um problema recorrente, traz grandes consequências. Como já mencionado, tal fenômeno vem desde o século 16. Conforme Magalhães e Rêgo (s/d, p.17), nos anos de 1877 a 1879, o Piauí viveu o período de “grande seca”, que arrasou o sertão nordestino, cujos clamores repercutiram na imprensa no Rio de Janeiro, capital do império.

Uma dessas formas de repercussão foi à obra *Ataliba, o vaqueiro*, escrita, inicialmente, em forma de folhetim por Francisco Gil Castelo Branco, que emigrara do interior do Piauí para o Rio de Janeiro e que é a primeira prosa ficcional a ter como cenário o tórrido sertão piauiense. Em um episódio anterior à seca, o cenário descrito tem vida, é vislumbrado:

Campinas imensas, unidas com a face do oceano, cortavam léguas sobre léguas, dilatando mil horizontes traçados pelas carnaubeiras, cujas palmas se balouçam airosas como enfunados estandartes em colunas dóricas. O solo era coberto de uma grama virente e macia, que nutria grandes rebanhos por ali pastando a esmo. (CASTELO BRANCO, s/d, p. 57).

Adiante, com a chegada da seca o cenário o sertão se transfigura:

As campinas estavam tostadas como se acaso uma torrente de fogo as houvesse sapecado; as folhas enroscavam-se, engrelhavam-se como se fossem frisadas por um ferro encandescente; as avezinhas abandonavam seus ninhos e em bandos partiam pipilando; as águas decresciam e o gado, mugindo lugubrememente nos campos, tombavam enxague. A miséria invadia tudo de um modo sinistro. (CASTELO BRANCO, s/d, p. 67).

A seca não é apenas um elemento natural, mas também, social. O nordeste não é o único a sofrer com a ausência de chuvas, então porque só ele sofre a chamada “seca”? Ora, a questão da seca não se resume à falta de água, ela é o resultado da interação de vários fatores, dentre eles o administrativo. Ainda sobre o período da “grande seca” de 1877 a 1879:

Sensibilizado, o Imperador chegou a ameaçar vender as joias da Coroa para salvar o povo nordestino da fome e da miséria. Vozes piauienses também se levantaram na capital do país, denunciando a tragédia vivida pelos sertanejos na longínqua e desconhecida Província do Piauí. Políticos faziam discursos, como fez João Lustosa da Cunha Paranaguá, na sessão do Senado de 25 de junho de 1877;(MAGALHÃES E RÊGO, s/d, p.17).

Nota-se que muito foi falado, muito foi prometido, mesmo assim os resultados, não somente com base na obra estudada, mas com base em estudos, foram catastróficos, conforme a citação a seguir:

Após a catástrofe de 1877, as autoridades do Império começaram a ter uma maior preocupação com o assunto. O imperador D. Pedro II chegou a cunhar a célebre frase: "Não restará uma única joia na Coroa, mas nenhum nordestino morrerá de fome". Criou-se comissão imperial para desenvolver medidas que pudessem atenuar futuras secas. Da adaptação de camelos, construção de ferrovias e açudes e a abertura de um canal para levar água do Rio São Francisco para o Rio Jaguaribe, no Ceará, **muito pouco saiu do papel**. [grifos nossos](BARRETO, 2009).

Observa-se que, diante do flagelo vivido, falou-se em fazer algo, contudo, ainda houve vítimas da fome e da miséria, muitos retiraram, e em meio a seu retiro foram novamente vítimas, mas, não unicamente da seca, vítimas de promessas, de ilusões, acreditaram num futuro que não lhes foi permitido viver. Conforme relatos:

O Imperador, foi ao Ceará, não vendeu nenhuma jóia da coroa nem acabou com a fome dos nordestinos: Todos continuaram sofrendo seca, fome e morte. Não importa se a citação se refere apenas ao Ceará, o mais castigado da Região. Nosso Piauí tem uma boa parte inserida no que geograficamente se denomina Polígono das Secas. Portanto sofremos, como todos os outros estados, a seca e seus efeitos maléficos. Por aqui, no rumo das boas terras do Maranhão, desfilaram nossos irmãos do Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte principalmente, sofrendo, pedindo esmolas e morrendo às vezes antes de chegarem ao destino. Alguns, ou muitos, resolveram ficar aqui, sofrendo com os piauienses (MOURA, 2015).

Castelo Branco não cita tais referências históricas, nem fala da emigração geograficamente, ele descreve em sua obra a condição humana em suas distintas fases, apresentando o antes e o depois/durante da seca. Como exemplo, Teresinha, inicialmente descrita de forma amena e vivaz, como se pode observar no trecho abaixo:

As filhas do sertão são como as suas flores campesinas; a arte não lhes realça o valor; desabrocham e fenecem ignoradas; mas a sua singeleza arrebatada, os seus perfumes embriagam, os seus matizes deslumbram!
Ai! Daqueles que as viu! Jamais as poderá esquecer!
São tão lindas! tão mimosas as flores dessas campinas e as filhas desses sertões!
(CASTELO BRANCO, s/d, p. 33).

Como se observou no trecho anterior à seca, a jovem Teresinha é comparada a uma flor, sendo descrita de forma tão viva, tão sutil, contudo, com a chegada da seca essa imagem é mudada, como se vê no fragmento a seguir:

Teresinha representava a fria estatua da melancolia, lágrimas furtivas, suspiros doídos revelavam os seus sofrimentos íntimos. Contudo, resignada, acalentava uma esperança benéfica: confiava-se na coragem e na experiência de seu noivo, e quanto mais pensava nele, mais se inquietava, por não o ter sempre junto de si, e por vê-lo atordoado em feia lide [...].(CASTELO BRANCO, s/d, p. 82).

Vê-se, nesse fragmento agora a imagem de uma mulher abalada, melancólica, a vivacidade de uma flor não mais habita nela. Como já descrito, a obra possui dois grandes momentos, antes e depois da seca, mas tanto nos quatro primeiros capítulos (antes da seca) quanto nos seis últimos (depois da seca) os personagens são praticamente os mesmos, personagens que representam as camadas populares, a única “autoridade” presente na obra é Ataliba, um moço de figura atlética e fisionomia cheia de franqueza. O seu trajar caprichoso indicava desde logo que ele era um vaqueiro (herói local):

Ataliba, personagem-título, é, sem dúvida, o “herói do sertão”, na visão apresentada pela obra. Na ausência de figuras importantes da sociedade rural, como proprietários de terras ou representantes do governo, Ataliba era a maior autoridade local, posto conferido por sua condição de vaqueiro, que representava, depois do fazendeiro, o primeiro lugar na hierarquia social do sertão. (MAGALHÃES E RÊGO, s/d, p. 22).

Nota-se que, com exceção de Ataliba, não há a descrição de nenhum “governante” e tampouco de seus posicionamentos, projetos, atitudes, ou seja, nada fizeram para ajudar ou ao menos nada que merecesse registro, que fosse digno de ser mencionado na obra, folhetim da seca.

Dizer que não há seca no nordeste é como afirmar que também não há cultura, ou seja, um devaneio, a seca faz parte da realidade, mas não é essa seca (pré)conceituada, onde acredita-se haver morte e desolação, houve e não se nega, mas desde o princípio não é o fenômeno da seca que causa mortes, não é a ausência de água ou “pobreza” do solo.

A rigor, não falta água no Nordeste. Faltam soluções para resolver a sua má distribuição e as dificuldades de seu aproveitamento. É "necessário desmitificar a seca como elemento desestabilizador da economia e da vida social nordestina e como fonte de elevadas despesas para a União...desmitificar a ideia de que a seca, sendo um fenômeno natural, é responsável pela fome e pela miséria que dominam na região, como se esses elementos estivessem presentes só aí".(CORREIA ANDRADE, s/d, p. 7 *apud* FÜRST, 2012).

A seca é tida por muitos como um ser místico, que influi no desenvolvimento do povo nordestino, que o atrasa e o torna inculto, quando na verdade não é, o povo nordestino é riquíssimo culturalmente, assim como suas terras são produtivas, o que falta são investimentos onde sobra pré-conceito. A seca trata-se de um fenômeno natural e como tal, não é responsável pelos problemas sociais da região.

Considerações finais

O autor aborda a tristeza e o sentimento de impotência do homem diante dos rigores impostos pela natureza. O homem se torna vítima do desastre natural e frustra-se com a não realização dos seus ideais e projetos de vida. E é isso que, aparentemente, acontece em *Ataliba*, o vaqueiro. O romance de *Ataliba* e Teresinha tinha tudo para dar certo, uma vez que não havia empecilho de ordem social, mas não se concretizou devido à seca que abalou os apaixonados.

A seca, na obra, é apontada por muitos como responsável pela morte de alguns personagens, a saber, Deodata, *Ataliba* e sua noiva Teresinha, e também pelo enlouquecimento de Cassange. De fato, ela é a grande personagem da obra, mas, ao ser tão presente e influir tanto na vida dos personagens, que são gente da roça, “arraia-miúda”, revela outro personagem, ou melhor, a ausência de personagens da gestão pública.

A seca não deixa de ser uma cruel antagonista na vida do povo e da natureza nordestina, contudo ela não é a única, pois também são evidenciadas a ausência de quem deveria estar presente, a falta de investimentos, de apoio onde deveria haver. No decorrer dos dez capítulos há beleza, há vida, há perdas e mortes, há o povo nordestino, no caso da obra em estudo o piauiense, e sua incansável luta frente à seca.

Há os habitantes ajudando uns aos outros, retirantes, mesmo diante de suas dores, ajudando o seu semelhante, mas não há apoio público, tampouco projetos e auxílios a toda aquela gente, gente simples, homens, mulheres, crianças, gente. Ou seja, a obra mostra que a seca, apesar de ser um problema real, não é o principal, não é único a vitimar tantos, a matar tantos, mesmo aqueles que tanto lutam contra as adversidades.

Enfim, este trabalho resulta da análise de uma obra que é fidedigna. Nela foi possível observar um nordeste belo, repleto de costumes, tradições, de bela gente, guerreira, solidária e feliz, mas que ainda sofre com a seca, pois, mesmo com o passar dos anos, pouco foi feito, ainda há grande omissão governamental e uma pré-conceituação que, de certa forma, oprime essa região e seu povo, contudo, apesar disso, essa gente tão humana luta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 48º ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

CANDIDO, Antonio. **A Personagem de Ficção**. 11 ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CASTELO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba o Vaqueiro**. 11ª ed. Teresina: Quixote, (s/d).

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil: era romântica**. 7º ed. São Paulo: Global, 2004.

REIS, Carlos. **O Conhecimento da Literatura: Introdução aos estudos literários**. 2ª ed. Coimbra: Almeidina, 1999.

MAGALHÃES, Maria do socorro Rios; RÊGO, Maria do P. Socorro N.N. do. **Ataliba, o vaqueiro: folhetim da seca**. In: **Ataliba o Vaqueiro**. 11ª ed. Teresina: Quixote, (s/d).

BARRETO, Pedro Henrique. **História - Seca, fenômeno secular na vida dos nordestinos**. Revista desafios do desenvolvimento. Ano 6. Edição 48. Brasília, março de 2009. Disponível em:

http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=1214:reportagens-materias&Itemid=39. Acessado em 15 de Outubro de 2015.

FÜRST, Omar. **O que é seca / estiagem**. Maio de 2012. Disponível em: <http://bibocaambiental.blogspot.com.br/2012/05/o-que-e-seca-estiagem.html>. Acessado em 15 de Outubro de 2015.

MOURA, Francisco Miguel de. **As grandes secas do Nordeste, séc. XIX e XX**. Portal o dia.com. janeiro de 2015. Disponível em: <http://www.portalodia.com/blogs/chico-miguel/as-grandes-secas-do-nordeste,-sec,xix-e-xx-222787.html>. Acessado em 18 de Outubro de 2015.